



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR  
Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELOS

# O CAUADO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:— Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

## NÃO PODE SER

Por todo o paiz se vem levantando um clamor de protesto contra o preço porque se estão vendendo os generos de primeira necessidade.

Nada mais justo, nada mais necessario. O abuso, exercido á sombra da brandura dos nossos governantes, ultrapassa os limites e dá em resultado estarmos todos sofrendo extraordinariamente com a carestia da vida.

Após o troar do primeiro canhão nos campos da Europa, os generos alimenticios subiram de tal maneira que nos deixaram imediatamente vêr uma ganancia que se impurha reprimir por quem de direito o poderia fazer nêsse momento e com o aplauso dum paiz inteiro.

Mas a conflagração europeia foi aumentando e o preço das subsistencias tomou proorções tais que a ninguem era já licito fazer face.

Agora, porem, a carestia dos generos necessarios á vida tomou tamanho vulto que nem o pobre pôde adquiri-los, nem as classes remediadas lhes è permitido comprá-los seuão com bem patente dificuldade. Isto não pode ser.

E entendemos não poder ser, porque longe de nós está o presumir que a carestia das subsistencias se possa dever á ciclopica guerra que ha longos mezes nos vem flagelando. Não. A conflagração europeia, evidentemente,

tem de produzir os seus terriveis efeitos; os generos não poderão ser adquiridos como se estivessemos num periodo de normalidade, mas o que é verdade è que não se pode explicar uma subida tão rapida e tão grande.

O ganancioso negociante não se contentou em somente, logo que rebentou a guerra, fazer subir o preço de tudo, levou mais longe a sua ganancia porque açambarcou o que pôde e muito bem entendeu para, claro está, em momento oportuno aumentar os seus capitais.

Seria logico, explicar-se-ia, o aumento dos generos alimenticios, mas nunca da forma que se fez, logo ao estalar a guerra na Europa. Agora é demais. E' impossivel viver-se. Isto não pode ser. E' urgente, impõe-se, que os poderes publicos ponham còbro á exploração, ao roubo de que todos nós vimos sendo vitimas.

Os fretes maritimos são elevados, é certo, mas, porque estamos bem informados, podemos bem alto afirmar que ainda não é motivo para estarmos comprando os generos necessarios á vida pelo preço que nos exigem.

Predomina, pois, a ganancia e nada mais. Temos adentro do paiz armazens trasbordantes de generos, cujos proprietarios aguardam dia a dia a alta dos seus preços; é inadiavel que se obrigue essa pleiade de malfeitos-

## LITERATURA

### Coveiro

*Sonho que sou coveiro e sinto os braços frageis,  
Quando pego na enxada a rasgar um coval;  
Ou quando tomo um craneo e analyso o frontal  
D'esse carcere estreito onde houve sonhos ageis...*

*Entre no cemiterio a horas doloridas...  
E á indecisa luz das claridades frouxas  
Arrasto o meu olhar pelas gangrenas roxas  
D'um corpo de Mulher a desfazer-se em vidas...*

*Um corpo escultural — imagem d'astro inerte  
Entregue á Sedução phantastica do Verme  
Que o desfigura a rir n'uma vertigem louca...*

*Um corpo que exhumei, allucinadamente...  
Em ancias de remorso, em ráivas de demente,  
Para poder beijar-lhe a apodrecida boca!...*

JOSÉ DURO.

res a fornecer-nos o que armazenam tão sómente no firme proposito de nos arrancar os ultimos centavos.

Isto assim não pode continuar. Está publicada uma lei que pode pôr còbro em parte á audacia dos gananciosos, dos miseraveis açambarcadores, faça-se cumprir rigorosamente, sem tibiezas, inexoravelmente, para bem de todos nós.

Não é, acaso, suficiente essa lei para nos libertar das peias da corja maldita que empesta o nosso paiz?

Promulguem-se tantas quantas sejam necessarias para que, servindo-nos das palavras indignadas mas justas de Guedes de Oliveira, não vá a corda que nos querem lançar ao pescoço cortar a cura de quem a estica.

## Trabalho e passatempos

Contamos outro dia em um dos nossos numerosos artigos como Benjamim Franklim, gravemente enfermo, indo a caminho de Fladelfia onde queria morrer, aproveitou a travessia do mar, (ia de Paris, onde era embaixador), para estudar o fenomeno das marés ainda então insufficientemente conhecido.

Fernão de Magalhães, nosso compatriota, quando nas terras de alem-mar, aproveitava os dias de repouso para tomar aponta-



FRANKLIN

mentos sobre tudo quanto se referia áquelas paragens: qual a natureza do clima, as produções dos paizes, as latitudes e longitudes em que demoravam, etc.

Como estes mil exemplos ha de escrupulo no aproveitamento do tempo, que o primeiro daqueles homens citados nos diz ser o estofo de que a vida é feita...

óculos um golpe de vista onde havia chispas de espantosa admiração. Com o pente numa mão e a tesoura aberta como o bico dum grou na outra exclamou:

O que? o senhor é ateu? Então quem creou o mundo? Quem fez o Sol e a Lua e os planetas e as estrelas e tudo, tudo? Quem foi senão Deus.

—Tudo isso que você diz existe em razão da sua força intima. Deus e o mundo são uma e a mesma coisa.

—Não pode ser.  
—Provará.  
—Então não foi verdade vir Deus ao mundo?

—Nunca saiu dele.  
—Mas se ele está no mundo hade poder ver-se. Mostre-mo.

—É o Movimento, a Força, a Vida...  
—Pois isso sim. O Movimento? Sim...  
Quer dizer...

Mestre Belisário estava já um pouco confundido. Não atinava com o que queria dizer.

—Mas olhe lá: Cristo não existiu?

(Continua).

1.º

## Mestre Belisário combatendo o ateismo

POR

Manuel Boaventura

O barbeiro era excessivamente verboso. Gostava de conversar com os fregueses ilustrados com quem discútia sempre por espirito de contradição.

Lia muito — dizia. Conhecia Vitor Hugo e falava de Voltaire. Citava versos da *Vellice do Padre Eterno* e admirava Herculano. Quando se referia a ele dizia sempre «o grande Herculano». Recitava periodos inteiros do *Eurico* que ele no seu juizo critico achava «o maior romance de todo o mundo». Não sei bem com que metro ele media o precioso livro; mas o certo é que o achava grande...

Como gostava muito de mostrar erudição, começou logo a conversar com Eduardo, no mesmo tempo que passava a navalha na pedra e olhava por sobre os óculos para o trabalho feito.

—O sr. então arrumou os estudos?

—Talvez.

Belisário então espraçou-se em considerações varias. Sabia que ele, Eduardo, era uma grande capacidade mental. Toda a gente dizia isso. Até o Miguel Mendes, na véspera, lá disséra: «O que? o Eduardo? Nunca em Braga apareceu intelligência como aquela!» Por sua vez o doutor Jacinto, sentado naquela mesma cadeira, dissera dele os mais encomiasticos elogios.

Eduardo agradecia, lisongeadó é certo, mas simulando indiferença:

—Ora essa sr. Belisário! Ha confusão. As minhas apoucadas forças intellectuais não vão alem do vulgar.

O barbeiro, tendo acabado de escanhoar o freguês, fez-lhe sinal para se vir sentar na ampla cadeira de braços, em frente do espelho. O estudante ergueu-se, pendurou o chapéu no cabide. Por cima, num dourado caixilo, estava uma velha estampa que Eduardo fitou por momentos.

Belisário veio dacolá e logo informou:

—É Vitor Hugo falando na Assembléa em defeza de Garibaldi — o grande guerreiro italiano!

—Bem sei.

Não obstante, para desperdício dele se inventou o jogo e muitos outros entretenimentos por igual inúteis, quando não absolutamente nocivos.

D'aquelle disse J. Dauby:

«Ganhar ao jogo é perder; perde-se o tempo, a consideração, a saúde e quasi sempre o trabalho».

O jogador perguntará talvez: Mas a consideração de quem, se o proprio Estado joga e promove que os outros joguem o mais possível?

E nós contestamos:

Perde-se a consideração das pessoas que se encontram acima dessas miserias, que apesar de vulgares continuam sendo miserias para as pessoas realmente escrupulosas.

Votamos pois pelo trabalho contra todos os passatempos artificiais e artificiosos tanto mais que nem todo o trabalho fatiga, antes ha muito que produz o maior deleite.

Se o jogador não raro «acaba por odiar a familia que lhe pede pão», o homem de trabalho recolhe sempre as benções d'ela e de todos os outros que o conhecem.

Luiz Leitão.

## Sindicato e Caixa de Credito Agricola

Realisou-se no ultimo domingo, como noticiamos, a inauguração do Sindicato e da Caixa de Credito Agricola Mutuo, de Barcelos.

Foi uma festa que em todos os que a ella assistiram, devia ter deixado a consoladora impressão de que, de facto, Barcelos começa a trabalhar para a agricultura, instituindo duas agremiações que hão-de ser, n'um futuro muito proximo, colaboradoras eficazes na prosperidade e no desenvolvimento agricola do nosso concelho.

Dizia o snr. conde de Vilas Boas, n'um suggestivo pensamento inscrito n'uma das taboletas que ha anos figuravam na Parada Agricola, que trabalhar pela agricultura é contribuir para as prosperidades da Patria.

E é certo, o asserto. O sr. Conde de Vilas Boas, se hoje estivesse em Barcelos, havia de ser um valioso elemento com que podiam contar as instituições nascentes, porque s. ex.<sup>a</sup>, que dedicou á agricultura todos os seus pensamentos e todo o seu esforço quando exerceu o cargo de administrador do nosso concelho, é um apaixonado pela agricultura, e n'ela vê, como toda a gente amiga da sua patria,—a maior riqueza da nossa nacionalidade.

Portugal é um paiz cuja industria tem de ser, quasi que exclusivamente, a agricultura; e esquecer que a agricultura precisa de todos os incentivos e de todas as facilidades para se desenvolver e prosperar, de modo a que cá dentro tenhamos o necessario á alimentação publica,—não é de bons patriotas.

Não se concebe, muito bem, a razão por que precisamos de importar cereaes, como é o milho e o trigo, para a alimentação do nosso povo; ou dizendo melhor: nós compreendemos que se não temos os cereaes necessarios á alimentação publica, é por que no nosso paiz se tem cuidado mais de politica, do que prover convenientemente á alimentação do povo.

Ainda bem, pois, que em um ou outro concelho, aparece quem compreenda o verdadeiro problema da alimentação.

Resumidamente, vamos referir-nos á festa inaugural do Sindicato e da Caixa de Credito Agricola, que se realisou no ultimo domingo, no salão nobre dos Paços do Concelho, com numerosa concorrência de povo.

Presidiu o venerando Bispo do Porto, S. Ex.<sup>a</sup> Rev. o Sr. D. Antonio Barroso, filho ilustre de Barcelos, secretariado pelos srs. dr. José Gomes de Matos Graça e João Carlos Coelho da Cruz.

Falou em primeiro lugar o sr. dr. José Ramos, que cumprimentou o venerando presidente, de quem faz um rasgado elogio.

Diz como se crearam em Barcelos o Sindicato e a Caixa de Credito Agricola e refere-se desenvolvidamente aos beneficios que estas instituições podem prestar á agricultura; e termina por mais uma vez prestar homenagem ás qualidades que exornam o caracter do illustre Bispo do Porto e por apelar para todos os lavradores e proprietarios do concelho, afim de que se inscrevam como socios do Sindicato e da Caixa de Credito. Quando s. ex.<sup>a</sup> terminou o seu brilhante discurso, a assemblea cobriu com palmas as suas ultimas palavras.

O sr. Conde de Azevedo começa tambem por saudar o venerando Bispo do Porto, referindo se especialmente aos seus elevados sentimentos patrioticos, á sua obra de colonisação e aos grandes serviços que sempre tem prestado á religião catolica, de que S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> é um dos mais brilhantes chefes.

Depois, mostra com grande claresa e com especial conhecimento, o que são as Caixas Agrícolas. S. ex.<sup>a</sup> conhece-lhes todo o maquinismo, todo o seu funcionamento e, praticamente, conhece tambem o que ellas valem como auxiliaadoras do desenvolvimento agricola. Fala da legislação agricola e acompanha, em quasi todas as situações ministeriaes, o que os ministros das obras publicas e da fazenda do extinto regimen fizeram e trabalharam a bem da causa agricola. O discurso do illustre titular, que foi uma longa conferencia sobre assumtos que se ligavam aos da festa inaugural das beneficinas instituições agricolas, produziu na assemblea a mais bela impressão, o que esta manifestou, com quentes salvas de palmas e apoios.

Usa depois da palavra o sr. Conselheiro Sá Carneiro, que te-

ve tambem palavras de muito elogio para o illustre presidente da mesa, a quem saudou como barcelense que ilustra esta terra, e como portuguez que muito honra a sua Patria.

Diz que, de facto, é agora que se começa a trabalhar por Barcelos. A actual camara tem feito muito, e esta terra muito deveu tambem ao falecido Conselheiro José Novaes.

Porem, o serviço de maior valor que se pode prestar ao povo do nosso concelho; é o de se trabalhar afincadamente em prol da nossa agricultura, trabalhando todos pela sua prosperidade. S. ex.<sup>a</sup> sabe que a agricultura do nosso paiz não produz o sufficiente ao consumo; e por isso mesmo acha de necessidade urgente, o cuidar-se de produzir, pelo menos, o necessario á alimentação publica.

Fala do aproveitamento dos terrenos baldios e da conveniencia de se cuidar da irrigação, principalmente do Alemtejo.

Ovacionado pela assemblea, o sr. Conselheiro Sá Carneiro termina o seu discurso, convidando todos os barcelenses a trabalharem por Barcelos.

Foi lido um telegrama que o sr. Conde de Vilas Boas enviou ao sr. Visconde da Fervença, pedindo para o representar na reunião; e por proposta do sr. dr. Ramos e do sr. Conselheiro Sá Carneiro, foi resolvido enviar telegramas de saudação a varias pessoas que podem auxiliar muito a obra iniciada.

O ex.<sup>mo</sup> sr. D. Antonio Barroso, ao encerrar a sessão, produziu um magnifico discurso, em que fez salientar os seus sentimentos patrioticos, o seu grande amor a Barcelos e o interesse que tem pela causa agricola. Disse o que a agricultura deve aos parocos, que sempre ensinaram os lavradores a usar dos modernos processos de cultivo e adubação e disse estar certo de que os padres do nosso concelho hão-de prestar ao Sindicato Agricola todo o seu valioso concurso.

Por proposta do sr. Visconde da Fervença, a assemblea votou por aclamação que o nome do ex.<sup>mo</sup> sr. D. Antonio Barroso fosse inscrito no livro dos socios benemeritos, com o n.<sup>o</sup> 1.

### Donativo

O sr. Manuel Joaquim de Sousa, grande proprietario, desta villa, ofereceu a quantia de 100.000 ao Sindicato, para remir a sua qualidade de socio, ficando as sobras para fundo da Caixa de Credito.

Bem haja, por gesto tão simpatico, o sr. Manuel Joaquim de Sousa, e oxalá que o seu exemplo encontre quem o siga.

O sr. Abade A. Leituga, pede a palavra para dizer que o clero do concelho está, como esteve sempre, ao lado das boas obras. E como o assunto de que se trata é uma obra que vem beneficiar a agricultura, os parocos não po-

dem deixar de prestar-lhe todo o seu concurso, porque as associações que agora são creadas lh'o merecem e por que os padres foram sempre amigos do desenvolvimento agricola.

A assemblea sublinhou tambem com palmas, o discurso do illustrado sacerdote.



## No Teatro Gil Vicente

Uma noite de Arte

Como estava anunciado, realisou-se no passado domingo, no nosso teatro, o espectáculo promovido por um simpatico grupo de gentilissimas damas e distintos cavalleiros da nossa melhor sociedade.

Já de ha muito que os barcelenses vinham anciosos por assistirem a essa recita — verdadeira festa de Arte — que, para muitos deles, como para nós, muito de significativo representaria pelas consequencias que produziria no nosso meio social, tão pouco disposto a aceitar, convenientemente, empreendimentos desta natureza, por submetido ainda, infelizmente, a preconceitos estultos, que hoje não se justificam e dos quais preciso é que se liberte, para florescimento da Arte e levantamento da convivencia social.

Ora, a nosso ver, o primeiro passo para essa libertação está dado, e com pleno exito.

A noite para sempre inolvidavel de 30 de abril, marcando uma gloriosa etape artistica, veio demonstrar que na nossa terra ha elementos que, bem aproveitados, muito podem concorrer para que se ponha termo a um retraimento que só prejudica e torna monotonna e insupportavel a nossa vida de sociedade.

Bom é, pois, que a Arte, com todas as suas mais impressivas e salutaes manifestações de beleza, atue fortemente em todos os espiritos bem formados e cada vez mais se radique no nosso meio, de forma a levantar-o do marasmo e da indiferença em que paira.

Festas como a de domingo só enaltecem, só glorificam e nobilitam quem as promove.

Nas grandes cidades e em geral em todos os meios cultos aonde se faz vida de sociedade, ellas, hoje, repetem-se com caloroso aplauso e louvor dos que a ellas assistem. E as senhoras, com a sua graciosidade, compartilhando nelas, dando-lhe toda a sua alma de meridionais e cobrindo-as com os seus sorrisos perfumados, cheios de frescura e encanto, sorrisos que contrastam sempre com o seu porte fidalgo e gentil, insuflam-lhes aquele cunho de superioridade que só a sua cooperação artistica permite.

Nos, pelo que já conheciamos, pois acompanhamos muito de perto os seus preparativos, nunca duvidamos do exito do espectáculo a que tivemos a ventura e o prazer espirital de assistir; mas devemos dizer com a mais absoluta imparcialidade, e até com a mais viva e intima satisfação, que aquelle foi muito além do que esperavamos.

Na verdade, tivemos por vezes a consoladora impressão de que estavamos em frente, não de simples amadores, embora muitos cultos e distintos, alguns dos quais pela primeira vez pisavam o palco, mas de verdadeiros profissionais de reconhecido merito, como aconteceu com o desempenho deveras superior, inexcusable e impecavel, por parte das ex.<sup>mas</sup> senhoras D. Isolète Esteves e D. Noemia Valongo, e dos srs. Dr. Domingos de Figueiredo, Eliseu Azevedo, Antonio Cardoso, Armindo Miranda, Artur Pereira e Antonio d'Araujo.

Foi essa a nossa agradabilissima impressão e cremos que tambem a toda a assistencia, que aproveitou todos os ensejos para manifestar o seu pleno agrado, cobrindo de freneticos aplausos toda a acção que no palco com tanto brilho se desenrolava.

O espectáculo iniciou-se pela representação do Sainete em verso «Don Ramon de Capichuela» de Julio Dantas, o grande escritor portuguez, de indiscutivel merito, de valor positivo e que sabe sempre elevar o

conceito do dialogo e imprimir valor e en- genho na ação.

Quando no proscenio se ergueu o pano de boca, na sala—que se achava artistica- mente ornamentada com colchas e palmas, distribuidas por mãos d'artista e como são sem duvida as do sr. Domingos Esteves, a quem vivamente felicitamos e que faziam sobressair com o seu tom garrido os bustos esbeltos e gentis de algumas das nossas mais formosas patricias—estabelece-se um silencio absoito, profundo, o silencio par- ticular das grandes situações e que teve alguma coisa de impressionante e como- vedor.

E' que, no palco, a ex.<sup>ma</sup> senhora D. Isolete Esteves, com nitidez, doçura e a mais completa serenidade, solta da sua boca formosa e juvenil as primeiras frases do seu difficilissimo papel de «Rosal».

A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Isolete Esteves houve- se com brilho. O seu desempenho foi inexcédível. Interpretou com muita felici- dade o seu personagem. Teve graça e in- tuição artistica. Nada lhe faltou: nem a subtilidade da frase, nem a elegancia do gesto.

Disse com sentimento e impecavel cor- reção. Com verdadeira arte e doce ironia soube salientar todo o ridiculo do seu ga- lante e estouvado fanfarrão, desafiando o donairosamente com gargalhadas admira- veis, que tão adequadas ficavam na sua es- belta figura.

Mais não se poderia exigir de quem pe- la primeira vez pisava o tablado scenico e interpretava um papel duma peça de tanta difficuldade.

O sr. dr. Domingos de Figueiredo é um perfeito *gentleman* na scena, como o é no convívio social. Muito culto e ilustrado, possui tambem um verdadeiro tempera- mento de artista.

No decorrer da representação, sempre elevada e impressionante, não teve um gesto que não fosse apropriado com felici- dade; não disse uma frase que não se co- adunasse com o papel que interpretava.

O personagem era aquele. O autor não imaginou outro.

Foi, como autorisadamente diz o nosso particular e illustre amigo sr. dr. Reis Maia na sua critica da «Era Nova», simples- mente admiravel no desempenho dos seus papeis, e por isso um elemento imprescin- dível nas festas desta natureza.

O autor, se assistisse ao desenrolar da scena, dar-se-hia sem duvida por satisfei- to, juntando os seus aplausos entusiasticos aos que abafaram estrondosamente as ultimas palavras dos interpretes e que foram, como já deixamos dito, bem signifi- cativos, sinceros e justos.

Finda esta representação, que tão agra- davelmente nos deixou impressionados, re- citaram com brilho os distintos academicos srs. Adelio Carvalho da Silva e Aurelio Lamela, que receberam fartos aplausos.

No palco appareceram depois as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Maria da Graça Faria Lamela e D. Ema de Faria Lamela, que executaram com verdadeira maestria o seu delicioso programa musical.

A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Ema Lamela mais uma vez mostrou os seus altos conhecimentos na arte da musica.

Grieg não podia ser melhor interpreta- do no seu «Peer Gynt». A suavidade do acorde, a firmeza na execução e o desta- que das notas graves foram deveras apre- ciaveis, mormente na segunda parte «As- ses Tod» que, sendo trabalhosa, é um mi- mo musical.

A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Ema Lamela não des- mentiu a sua fama de grande professora. Ouvimos já o «Peer Gynt» por Teofilo Russel e Bonét, e devemos dizer, embora sejamos leigos no assunto, que estes cele- bres artistas não nos deixaram mais bem impressionados. Pena é que s. ex.<sup>a</sup> não se faça ouvir mais vezes, para termos o grande prazer de a aplaudir como no pas- sado domingo.

Seguiu-se, pela ordem do programa, a re- presentação dos interessantes dialogos em verso «A Camponeza» de Faustino de No- vais e «Boas Noites» do grande e sempre admiravel poeta João de Deus, de que foram interpretes a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Noemia Valongo e o sr. Antonio Cardoso d'Albuquerque.

A sua representação entusiasmou grande- mente a assistência, embora não fossem de

grande valor teatral, o que, a nosso vêr, mais fez resaltar o merito dos interpretes.

A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Noemia Valongo, gentil figura de mulher, é possuidora de verdadei- ras qualidades artisticas que muito a devem distinguir se continuar a dedicar-se a uma das mais dificeis e mais nobres das Artes— a de representar.

Muito encantadora na forma de dizer, com um porte muito seu e muita graciosidade, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Noemia Valongo passou pela scena, a primeira vez, com verdadeiro triunfo.

O seu temperamento levemente irrequieto, a sua mobilidade fisionomica e impressio- nante, uma das qualidades que mais se tor- nam necessarias aos que se dedicam a vencer as difficuldades da scena, imprimiram caracter nos personagens, muito portugueses—tipos de lavadeira e camponeza—que com tanta felicidade desempenhou.

Disse ainda sem hesitações e com a mais completa naturalidade, que, no moderno tea- tro, é tambem uma das condições, senão mes- mo a principal que impõe o actor ao publico.

Emfim, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Noemia Valongo, possui todos os requisitos para agradar; tem qualidades excepcionais que deve apre- veitar em papeis de outro genero e impor- tancia, porque, no palco, a sua figura impõe- se e domina, as suas qualidades são funda- mentos sem os quais a Arte não pode existir, e as que demonstrou são, a nosso vêr, um palido reflexo do seu temperamento ar- tistico.

O sr. Antonio Cardoso, apesar de só ul- timamente tomar conta dos seus papeis, houve-se tambem por forma a merecer o aplauso unanime de todos os espectadores, que já de ha muito conheciam as suas apti- dões para o teatro. Foi o ensaiador e é ele- mento de muitissima valia. Estamos con- vencidos de que a sua vontade firme e deci- dida foi a alma e a vida do espectáculo.

Seguiu-se a Traição de... Ofelia, en- tre-acto comico, cujo desempenho pertenc- eu ao sr. Eliseu Azevedo e Antonio Araujo, que se apresentaram impagaveis e admira- velmente caracterizados pelo sr. Joaquim do Julio, rapaz de muitos merecimentos.

Foi rir a bom rir. O mais sisudo teve que despertar do seu constrangimento. O sr. Eliseu Azevedo fez vibrar admiravelmen- te a nota comica. Revelou qualidades in- vulgares e muitissimo apreciaveis para este genero de teatro. Parece-nos, e este é o maior elogio que lhe podemos fazer, se dele carecesse, que o sr. Eliseu Azevedo é que foi o autor da peça, de pleno accordo e na mais franca das *cordealidades* com o sr. Antonio Pereira d'Araujo, mantendo sempre a plateia na mais intensa hilariedade. Aos distinctos amadores endereçamos as nossas sinceras felicitações.

O «Morgado de Fafe», comedia de Cami- lo Castelo Branco, deu lugar, finalmente, á ultima representação da noite.

Com a maior das sinceridades devemos dizer que gostamos muito de desempenho que lhe foi dado por todos quanto, na sua representação tomaram parte; mas outro tanto não aconteceu com a peça que achamos monotona e sem nada de interessante.

Camilo foi um grande romancista. No teatro nada deixou de valor.

Ao sr. dr. Domingos de Figueiredo foi dis- tribuido o papel de maior responsabilidade, o de Morgado, aquela figura exotica e boçal que, um dia, pelas mãos do seu deputado se viu compelido a deixar a pacatez e a sensa- boria da provincia para cair, de chofre, tal qual era, na sociedade elegante de Lisboa, a qual, já ao tempo, não servia cavacas com chá, nem se transportava de Fafe á capital pela *estrada a vapor*.

Era um papel ingrato, sem duvida; mas foi desempenhado com proficiencia e absoluta verdade.

O Morgado, creatura sem a mais leve no- ção do que fossem as normas da mais rudi- mentar delicadeza e da vida de sociedade, era aquilo que o dr. Domingos de Figueiredo consagrou na sua maravilhosa interpretação.

Mais de uma vez vimos este papel desem- penhado pelo mais illustre dos actores por- tugueses—Ferreira da Silva—e podemos afirmar que a interpretação que ele lhe dava, era perfeitamente semelhante, em todos os seus mais pequenos detalhes, á que o sr. dr. Domingos lhe deu.

A ex.<sup>ma</sup> senhora D. Noemia Valongo, cou- be o papel de Baroneza de Cassuraens. Foi primorosa, mais uma vez, no seu trabalho

scenico. Nesta peça pôde evidenciar melhor os seus meritos. A ex.<sup>ma</sup> senhora D. Isolete Esteves, deixou-nos, tambem, uma agra- dabilissima impressão. Foi muito correta e sempre interessante e graciosa.

As ex.<sup>mas</sup> senhoras D. Candida Araujo e D. Berta Valongo, nos seus pequenos papeis, contribuíram para o exito geral da peça.

Como dissemos não gostamos da peça; mas isso não quer dizer que não fosse bem desempenhada. Pelo contrario. Os srs. Ar- mindo Miranda deu-nos um galan muito apreciavel; Eliseu Azevedo um deputado muito correcto; Artur Roriz Pereira um ba- rão bem retratado, assim como os srs. Luiz Carvalho e Ilidio Moreira foram bem nos seus papeis.

São estas as nossas impressões da noite inolvidavel de 30 de abril, que para aqui transportamos com a convicção de que usa- mos da maior imparcialidade.

Oxalá que noites como estas se repi- tam, porque elas são sempre afirmações de Arte, e estas, quando elevadas, deixam sempre no espirito de todos as mais agrada- veis impressões, levantando o meio em que actuam e merecem sempre o maior elogio.

Os nossos aplausos vão, pois, para todos, indistintamente, que contribuíram para a rea- lisação dessa festa de Arte, que tanto os enal- teceu, pois que, neste logar, não vemos pes- soas: apreciamos apenas com lealdade e jus- tiça factos consumados.

Gonçalo d'Araujo.



## Notas da semana

Aniversarios natalicios.

### Passam:

No dia 8: o do sr. Eugenio Roriz d'Aze- vedo.

No dia 9: o do sr. dr. Augusto Matos Lo- pes d'Almeida.

No dia 10: o da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Beatriz do Carmo Martins.

No dia 15: o da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Teresa de Lima Bandeira Peixoto.

No dia 14: o do sr. Joaquim Afonso Pe- reira.

### Estiveram:

No Porto: o sr. José Moreira da Costa.

Em Braga: os srs. José de Bessa e Mene- ses, Manoel Candido da Silva Corrêa, Lau- ro Barros Lima e dr. Francisco Rodrigues Torres.

Em Barcelos: os srs. José Augusto Simas Machado, Antonio Albino Marques d'Aze- vedo, D. Antonio Barroso, Conde de Azeve- do, José Mariano d'Azevedo Figueiredo e ex.<sup>ma</sup> esposa, Eugenio Roriz d'Azevedo, Eugenio d'Andrade Ferreira e ex.<sup>ma</sup> familia, Antonio Augusto d'Almeida Azevedo e ex.<sup>ma</sup> esposa, Antonio Maria de Sousa Pinto, Raul Carvalho, Carlos Machado, Virgilio Esteves, Manoel Ferreira Moutinho e ex.<sup>ma</sup> esposa, Afonso Henrique Barbeitos Pinto e ex.<sup>ma</sup> esposa, José Barreto de Faria, Manoel Mi- randa, Delfim Fernandes Vinagre, João Fer- ra, dr. Manoel Novais, Anibal Duarte Aze- vedo e João Duarte Veloso.

### Regressaram:

A Lisboa: o sr. dr. Manoel Pais de Vilas Boas.

Ao Porto: os srs. Francisco de Mendonça Monteiro, Rogerio Ferrá Esteves e a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Lucia Duarte Azevedo.

A Coimbra: o sr. José Gualberto de Sá Carneiro.

A Braga: os srs. Fernando Augusto Mo- reira, Adelio Carvalho da Silva, Eduardo Alvares Pereira e Lima.

A Guimarães: os srs. José Pires Lavado, Aurelio de Faria Lamela, Domingos e Car- los Sousa, Manoel Albuquerque Esteves, Carlos Veloso Araujo, Oscar Alcada, Car- los Alberto Machado Pais, Eduardo Matos.

De Lisboa: os srs. Julio Mendes da Ro- cha Diniz, dr. Augusto Monteiro e ex.<sup>ma</sup> es- posa e Anfero Barreto de Faria.

Do Porto: os srs. Antonio Mendes da Ro- cha Diniz e dr. Pedro Vicente de Moraes Sarmiento Campilho.

Por absoluta falta de espaço, vai muito reduzida a secção noticiaria, deixando de publicar-se tambem dife- rentes originaes

## ANUNCIOS

### Associação Humanitaria de Socorros Barcelinense

#### Assemblea geral extraordinaria

Tendo-se demitido a maio- ria da direcção desta cole- tividade—convoco por este meio a assemblea geral ex- traordinaria a reunir-se no dia 30 do corrente, pelas 15 horas, na séde social, afim de conhecer dos moti- vos da demissão e proceder á eleição de nova direcção,

Se neste dia não compa- recer numero legal de so- cios para a assemblea po- der funcionar legalmente, fica desde já convocada no- va reunião para o dia 7 de maio, nos termos do artigo 46 dos estatutos.

Barcelinhos, 26 de abril de 1916.

O presidente da meza,

José Marques Barbosa dos Reis Maia.

## ANUNCIO

No dia 14 do proximo mez de maio, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, teem de ser arrematados os mobiliarios penhorados a Abilio Dias da Costa, solteiro, maior, da freguesia de Barqueiros, em virtude da execução por custas e selos que lhe mo- ve o M. Publico, na comar- ca de Espozende, dõnde, para o mesmo fim veio car- ta precatoria, a saber:

Uma motociclete marca Leão Peugeot, completamen- te arruinada, avaliada em 30\$00 (trinta escudos): Uma bicicleta uzada avaliada em 15\$00 (quinze escudos): um quadro de biciclet, em bom estado, avaliado em 5\$00 (cinco escudos). E para que chegue ao conhecimento de todos se publica o presente.

Barcelos, 29 de abril de 1916.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Monteiro.

O Escrivão do processo,

Manoel Cardoso e Silva

### Armindo Miranda

SOLICITADOR

Rua D. Antonio Barroso = BARCELOS

# CENTRO DE NOVIDADES



## Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140 — BARCELOS

Papelaria e objectos de escritorio:—Papeis e envelopes de todas as qualidades. Sortido completo em todos os artigos. Livros em branco e riscados.

Livraria:—Romances, contos, literatura, etc. Obras sobre religião, arte, jurisprudencia, etc. Revistas e jornais ilustrados. Assinatura permanente de qualquer obra. Livros escolares.

Tabacaria:—Tabacos nacionais e estrangeiros. Boquilhas, cigarreiras, bolsas, etc. Isqueiros e pedras para os mesmos.

Perfumarias:—Sabonetes de todas as qualidades, perfumes, loções, pasta dentifrica, escovas, pentes, espelhos etc. Agua de colonia a retalho.

Postais ilustrados:—Sempre as ultimas novidades, em todos os generos. Alburns para postais. Cromos.

Tipografia e encadernação:—Todos os trabalhos tipograficos—cartões de visita e de luto, rotulos, facturas, envelopes, recibos, relatorios, anuncios, etc. Impressões a cores. Impressos

para os srs. Notarios, Escrivães de Direito, Professores, Juntas, Confrarias, Regedores, e particulares, etc. Encadernações, pastas, cartazes, etc.

Artigos diversos:—Loteria. Cordas para instrumentos. Cartas de jogar. Carimbos de borracha. Carteiras, bolsas, etc., etc.

Generos especiais de alimentação:—Chá e café. Cacaú, chocolate, farinha Nestlé, maizena e outras, rebuçados, etc. Vinho sem alcool. Aguas minerais. Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE.

Sempre novidades.

### Companhia de Seguros «BONANÇA» Fundada em 1808

CAPITAL RS. 1.568:000\$000

FUNDOS DE RESERVA RS. 305:408\$000

SEGUROS MARITIMOS, TERRESTRES E AGRICOLAS

O agente em BARCELOS:

Gaspar Ferreira de Macedo Faria Gayo

### Rio de Janeiro PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma, n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante comissões modicas—de receber e fazer PRONTA REMESSA de rendas de casas, juros, dividendos e amortisações de quaisquer titulos, pagaveis naquela capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisa-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; em Portugal: no Porto com os Srs. Pinto da Fonseca & Irmão, e nesta vila com o Sr. Miguel Martinho de Faria.

“Padaria Maria Antonia,”

BARCELOS

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabelecimento, com secção de confeitaria, sortido se de especialissimos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, finissimo queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira, farinhas, massas etc.

Seriedade e modicidade de preços.

### NOVO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

DE

## COSTA & VASCONCELOS

Rua D. Antonio Barroso

Rua Barjona de Freitas

BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora. Veludos inglezes e nacionais, sedas de cor e pretas lavradas para vestidos e blusas.

Chails de malha. Espartilhos. Agasalhos.

Flanelas, chitas, chails, cachenes, morins, panos crus, etc.

Esplendido sortido de flanelas nacionais e inglezas, tudo para fatos de homem.

Casimiras de cor, diagonais, picotilhos e cheviotes.

Padrões da maior novidade para fatos e sobretudos.

### MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Chapéus e Guardasoes.

### Os Milhões do Criminoso

Interessantissimo romance

do popular escritor francez

Xavier de ontépin

2.ª EDIÇÃO

Famoso romance, que a casa editora Belem & C.ª Suce., tem em principio de publicação, por assignatura, impresso em papel superior, e ornado de finissimas estampas francezas.

1.ª parte—O incendiario.

2.ª parte—O grande industrial.

3.ª parte—A luz da verdade.

Tomos de 10 folhas de 8 paginas 100 reis.

Cadernetas de 2 folhas de 8 paginas 20 reis.

Brinde aos assignantes.

### A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

DE

JOAQUIM VIEIRA DA COSTA

Rua D. Antonio Barroso, 64, 66 — BARCELOS

Neste estabelecimento montado nas melhores condições, encontram sempre os estimados freguezes grande sortido de chá, café, arroz, assucar, bacalhau, azeite, e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e biscoitos de Valongo e Pova.

Seriedade de preços!

Visitem este estabelecimento!

### BAZAR DO POVO

DE

ARNALDO TORRES

Rua do Infante D. Henrique, 45 a 53 — BARCELOS

Neste estabelecimento encontra-se um completo sortido de camisaria, luvaria, e gravataria. Artigos de caça, papelaria e tabacos. Cambios, letras, selos, e papel selado.

Correspondente de todas as Companhias de Navegação para o Brasil, Africa e America do Norte.

Modicidade de Preços.